



TOQUE MÁGICO DAS CHUTEIRAS Na telinha, na telona, nas páginas dos jornais e revistas, na Internet, no fax, nos outdoors, nas ruas, nas vitrines, a bola rola. Retinas atentas buscam, miram, vêem, focam a dona do mundo nesses tempos de Copa do Mundo: a bola. Olhos negros, azuis, verdes, puxados, ovais ou redondos, só têm um ponto de vista: a bola. No gramado, na trave, nos pés, na cabeça, rumo em direção a rede, a bola que rola sob o toque mágico de chuteiras multinacionais é a vedete da temporada. Atrás da bola sempre tem uma estrela negra ou branca, amarela ou mulata que corre, dribla, cabeceia, arremessa e chuta, trapaceando os adversários para fazer entrar na rede a redonda bola e fazer um gooooollllll !!!!! que vai enlouquecer de alegria os torcedores, emocionar os espectadores e movimentar milhões de dólares em todo o planeta.

MOBILIZAM CORAÇÕES E MENTES Que espécie de magia é essa, que catalisa corações e mentes, unindo ideologias e religiões dos mais diferentes matizes. O futebol hipnotiza, seduz e encanta como a arte da dança. Esse é o dom das manifestações de talento. Representar a vida no seu estado mais admirável. Traduzir nossas mais preciosas aspirações de harmonia. Nada revela com tamanha precisão a alegria, a dor, a amizade, a ira e todas as fraquezas, sonhos e ambições humanas, do que o talento. Seja no teatro, na música, nas artes plásticas, na literatura, na dança e na sua expressão mais energética e pontual, o esporte. As artes e o esporte são a expressão mais verdadeira e comovente das emoções e do pensamento. Por isso mobilizam corações e mentes.

TEATRO DA ABO Divagando entre a bola e a tela, a música e o drible, o êxtase e o gol, fui parar no início dos anos 80 quando eu e dois amigos, Romário Schettino e Cleber Loureiro, criamos uma empresa para produzir teatro, cinema e shows musicais. Nascia, em 1981, a Candango Produções Artísticas. Naquela época, vivíamos ainda sob o domínio do regime militar e com ele, a falta de liberdade de expressão. Peças de teatro, filmes, letras de músicas, livros e toda manifestação artística eram submetidas ao crivo da censura. Jovens e atrevidos, não nos intimidamos, e colocamos nosso projeto em ação. Com ele, chegamos a nos tornar a maior produtora independente, em volume e qualidade de trabalho, apesar da falta de liberdade e da carência de espaços e recursos. Foi por conta dessa história que, em 1982, Adriano Magalhães Freire, amigo do meu pai, Cléo Octávio, me telefonou. Ele tinha lido uma entrevista nossa no Jornal de Brasília, e nos chamou para mostrar o recém inaugurado auditório da ABO Associação Brasileira de Odontologia. Adriano, presidente da entidade, queria dar vida àquele espaço e nos pediu que formatássemos um projeto. Assim nasceu o Teatro da ABO, que durou 18 meses e marcou a vida cultural de Brasília.

MÃO NA MASSA Transformamos um auditório num palco de qualidade. Nosso maior desafio foi montar a estrutura de Iluminação, com suas varas e holofotes caríssimos. Cuidar da acústica, ter os equipamentos de som adequados, a mesa de luz, o piso correto, cortina, camarim, bilheteria ... Enfim, como fazer tudo isso sem recursos? Corremos atrás de patrocínio, numa época em que não havia leis de incentivo, e buscamos suporte técnico. E tudo aconteceu de uma forma surpreendente. Todo mundo ajudou. Da Fundação Cultural do DF, passando pelo SESC, o MEC, algumas empresas, entre elas a Paulo Octávio, a Casa dos Parafusos - e os produtores, atores e técnicos da cidade, todos colocaram a mão na massa. Em agosto ou setembro de 1982, o Teatro da ABO foi inaugurado. No palco, a comédia de Marcos Bagno e Alexandre Ribondi, *Crepe Suzette* o *Beijo da Grapette*. Um sucesso de público, que permaneceu em cartaz seis semanas, com a casa lotada.



EMOCIONAR É PRECISO Durante 18 meses, os 192 lugares do Teatro foram tomados por apreciadores de Hugo Rodas, Guilherme Reis, Dimer Monteiro, Alexandre Ribondi, Yara Pietrikóvski, Fernando Villar, Marcos Bagno, entre tantos talentos que ocuparam o palco da ABO. Além dos grandes nomes do teatro candango, o Teatro da ABO foi protagonista da “I Temporada de Rock Brasiliense”. Projeto concebido por Renato Russo e planejado por nós, as quatro semanas de rock brasiliense, apresentadas no ABO, marcaram para sempre aquele palco e uma geração de roqueiros brasilienses. Durante quatro fins-de-semana, o palco do ABO pode sentir a vibração das guitarras, baterias e baixos da Legião Urbana, Capital Inicial, Plebe Rude e X X X. A Temporada foi o combustível que esses jovens roqueiros precisavam para aportar nas tendas do Circo Voador, no Rio. O resto dessa história todo mundo conhece. Mas o Teatro da ABO fechou suas portas pouco tempo depois. Não resistiu aos solos estridentes do rock candango. A nova diretoria da Associação Odontológica, não gostou de ver sua sede “invadida” por jovens tão exóticos. Jovens que deixaram rolar seus talentos e conquistaram um país inteiro. Jovens que com arte e garra trouxeram para Brasília o título de capital do rock, assim como nossos jovens de chuteira nos pés, marcaram a história do futebol brasileiro. Com bolas ou guitarras, chuteiras ou sapatilhas, chutes ou dramaturgia, gritos ou melodias, emocionar é preciso, para que possamos nos sentir vivos, inteiros e harmoniosamente acolhidos pelos sonhos de felicidade que pode ser expresso por uma melodia, um drama, um drible ou um gol.